23 milhões de brasileiros dizem conviver com facção e milícia na vizinhança



23 milhões dizem morar em áreas com milícias e facções, aponta Datafolha

Brasileiros que relatam sofrer com organizações criminosas na vizinhança correspondem a 14% da população; números são maiores nas grandes cidades e entre jovens e pretos

Tulio Kruse

SÃO PAULO Facções criminosas e grupos milicianos estiveram lação brasileira nos últimos 12 meses. A estimativa é de uma pesquisa Datafolha encomen-dada pelo Fórum Brasileiro de

Segurança Pública e pela Folha. Embora a maioria dos entre-vistados afirme que não convi-veu com o crime organizado no próprio bairro nesse período, os números dão uma ideia do tamanho do contingente populacio-nal que está sujeito ao controle de grupos criminosos. Ele cor-responde a mais de 23 milhões

responde a mais de 23 milnoes de pessoas em todo o país. Aotodo, 2.508 pessoas com mais de 16 anos foram entrevistadas em todas as regiões do Brasil, em ci-dades de diferentes tamanhos, entre os días 11 e 17 de junho. A mar-gem de erro é de dois pontos per-centuais para mais ou para menos.

Os entrevistados que respondem que o local onde moram "sofreu com a presença expli-cita de facções criminosas ou milícias" estão concentrados nas grandes cidades, capitais

e regiões metropolitanas. O Brasil tem ao menos 88 fac-ções criminosas nopaís, segundo

Em 2017, a guerra entre essas facções

mostrou que, para o crime, importa controlar o território, mas não todo e qualquer território. Elas dominam locais estratégicos para o armazenamento e o fluxo de distribuição das drogas

Renato Sérgio de Lima diretor-presidente d Fórum Brasileiro de Segurança Pública

um mapeamento da Senappen (Secretaria Nacional de Polí-ticas Penais) concluído neste ano. Esse levantamento é fei-

ano. Esse levantamento é fei-to nos presidios estaduais e fe-derais de todo o país e reflete a atuação de grupos criminosos dentro e fora das prisões. "Essas são facções que estão interagindo com as duas mai-ores, PCC e Comando Verme-lho", diz o diretor-presidente do Fórum, Renato Sérgio de Lima, que participou da coordenação da pesquisa Datafolha. "Em 2017.

da pesquisa Datafolha. "Em 2017, a guerra entre essas facções mos-trou que, para o crime, impor-ta controlar o território, mas não todo e qualquer território. Elas dominam locais estratégi-cos para o armazenamento e o fluxo de distribuição das drogas." Segundo o levantamento da

Senappen, tanto o PCC (que tem origem em São Paulo) quanto o Comando Vermelho (cria-do no Rio) estão presentes em mais de 20 estados

Ao Datafolha, dois em cada dez entrevistados que moram em ca-pitais afirmam que seus bairros sofreram com a presença do cri-me organizado. Em municípios que compõem as periferias de regiões metropolitanas, a pro-porção também é mais alta que O crime organizado ao lado de casa

O local onde você mora sofreu com a presença explícita de facções criminosas ou milícias?

População prevalente que diz sim: 23.571.960 pessoas*

Capitais 20 Periferia de regiões metropolitanas Interior 11

Por tamanho do município Em %, por mi

Até 50 9 De 50 a 200 11 De 200 a 500 17 Mais de 500 20

Por cor da pele

Pardos 16 Pretos 20 Amarelos 10

"Cálculo a partir da projeção da população divulgada pelo IBGE em 22 ago 2024 Fonte: Pesquisa Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública com 2.508 entrevistados de 16 anos ou mais, realizada de 11 a 17 de junho, com margem de erro de 2 p.p. para o

a média: 17%. Em contraste, 11% dos moradores de cidades do in-terior relatam a mesma situação. Pretos e pardos também são mais afetados pela presença osmais afetados pela presença os-tensiva do crime organizado, em comparação com a população branca. Além disso, pessoas mais jovens relatam a presença de fac-ções e milícias no lugar onde mo-ram com mais frequência do que so entrevistados mais velhos. A mesma pesquisa perguntou aos entrevistados se há cemité-rios clandestinos nas suas cida-

rios clandestinos nas suas cida des e se conhecem pessoas de-saparecidas. A proporção de res-postas afirmativas nesses casos é menor (8% afirmam conhecer cemitérios clandestinos e 6% alguma pessoa desaparecida), mas o perfil de quem responde "sim" é semelhante. Os casos são mais comuns nas

grandes cidades, e são relatados commais frequência entre jovens e pretos. Para Lima, esse padrão é indício do comportamento do crime organizado e de homici-dios que não são contabilizados

nas estatísticas oficiais.

"As mesmas pessoas que re-conhecem a facção atuando no conhecem a facção atuando no seu bairro estão reconhecen-do cemitérios clandestinos. Ou seja, uma das formas de atua-ção é matar e esconder o cor-po", ele afirma. Na cidade de São Paulo, o domínio do crime orga nizado sobre territórios da pe-riferia e a presença de cemité-rios clandestinos são assuntos

rios ciandestinos são assuntos conhecidos pela população. Uma moradora da região do Capão Redondo, na zona sul da capital, disse à reportagem que esses locais são usados para desovar corpos de morado-res que tém sentenças de mor te decretadas por tribunais do crime —conselhos de integran-tes do PCC que regulam desentendimentos na comunidadee que normalmente a pena capi-tal é aplicada a quem também comete homicídio. Ela falou sob condição de anonimato por

questões de segurança. A mulher, que tem por volta de 30 anos, diz que pessoas des-conhecidas da comunidade que não souberem explicar o moti-vo para estarem ali também po-dem ser mortas. Um cemitério clandestino no Jardim das Ro-sas, onde ela mora, foi encon-trado pela GCM (Guarda Civil Matrocalitica) em central de la con-

Metropolitana) em 2020. De fato, em junho o Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e o Fórum divulgaram uma pesquisa que estimou em quase 6.000 o número de homi-cídios que não entraram nas es-tatísticas oficiais de 2022.

O cálculo do Atlas da Violên cia é baseado no índice de mor-tes violentas cujas causas não fo-ram definidas, mas que têm as mesmas características de casos que foram registrados como homicídios —dados como o lo-cal da morte, instrumento usa-do na morte, tipo de ferimento, idade e sexo da vítima.

"Esse modus operandi do cri-me está impondo terror à popu-lação no território e, ao mesmo tempo, afetando a qualidade dos dados públicos, que está apon-tando uma queda no número de homicídios que pode não ser tão grande assim", diz Lima.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: A Pagina: 39